

MEMÓRIA E RESISTÊNCIA EM ENEIDA DE MORAES: PERSPECTIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL

*Evellin Natasha Figueiredo Da CONCEIÇÃO¹
Renilda do Rosário Moreira Rodrigues BASTOS²*

RESUMO

A Literatura Amazônica é oriunda de uma vasta produção artística que ultrapassa os limites do regional. É sabido que está para além deste, uma vez que os elementos que norteiam o texto literário apresentam temáticas ditas universais, suscitando discussões questionamentos acerca de dramas e problemáticas humanas que sempre estiveram na história da humanidade. Dentre os temas de grande discussão, destaca-se a memória como um forte elemento encontrado na Literatura de expressão amazônica, sobretudo no que diz respeito à crônica Companheiras de Eneida de Moraes, que proporcionará a discussão a respeito de alternativas para uma educação do sensível, por ilustrar o papel da mulher na sociedade, narrando fatos de lutas, conquistas e diferenças que a sociedade delimita a esse grupo.

Palavras-chave: Amazônia. Memória. Feminino. Resistência.

ABSTRACT

The Amazon Literature comes from a vast artistic production that goes well beyond the regional boundaries. It is known that is beyond this, since the elements that guide the literary text feature so-called universal, leading to thematic discussions questions about dramas and human problems that were always in the history of mankind. One of the themes of great discussion, stands out the memory as a strong element found in the literature of Amazon, especially expression with regard to chronic Companions of Eneida de Moraes, which will provide the discussion about alternatives to an education the sensitive, illustrate the role of women in society, narrating facts of struggles, achievements and differences that society defines this group.

Keywords: Amazon. Memory. Female. Resistance.

1 Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Estagiária do Núcleo de Estudos em Educação Científica, Ambiental e Práticas Sociais (NE-CAPS). evellinnatasha09@gmail.com.

2 Doutora em Ciências Sociais - área de Antropologia - UFPA. Mestre em Teoria Literária -UFPA. É professora Adjunto I da Universidade do Estado do Pará - UEPA. É membro do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA)

da UEPA e do IFNOPAP da UFPA. É coordenadora do grupo Griot, grupo que conta histórias e pesquisa a formação contadores de histórias e de leitores.É membro da Academia Curuçaense de Letras, Artes e Ciências - ACLAC.



INTRODUÇÃO

A Literatura Amazônica é oriunda de uma vasta produção artística que ultrapassa os limites do regional. É sabido que está para além deste, uma vez que os elementos que norteiam o texto literário são extremamente universais, sendo possível identificá-los em dramas e problemáticas humanas que sempre estiveram presentes na história da humanidade.

Neste sentido, é interessante destacar a forma em que o texto literário se apresenta como registro das mais variadas vivências de determinadas épocas, sendo um retrato do que acontece em distintos contextos socioculturais. Ora, a Literatura, desde os mais longínquos tempos, tem nos ajudado a entender a realidade de uma forma mais profunda e crítica, de maneira que só a arte proporciona, pautando-se em fruição estética e uma busca incessante pela cartase².

Para Bergson (2006), cada pessoa, de modo consciente ou inconsciente, conserva em sua memória experiências vividas em determinada época ou lugar. Posteriormente, essas imagens são evocadas sob a forma de lembrança. Com esse olhar, cito a memória como um forte elemento encontrado na Literatura de expressão amazônica, uma vez que as vivências e acontecimentos ocorridos na região ganham notoriedade, sendo explorados em um tipo de registro não só histórico, mas também documental.

Desta forma, a presente pesquisa focaliza a crônica “Companheiras” de Eneida de Moraes, a fim de proporcionar a discussão a respeito de alternativas para uma educação do sensível (DUARTE JR., 2001), uma vez que este texto literário ilustra o papel da mulher na sociedade, narrando fatos de lutas, conquistas e diferenças que a sociedade delimita a esse grupo, assim como apresenta um retrato da cidade de Belém em um determinado período e ilustra os valores e costumes que eram propagados. Logo, o objetivo desse artigo é fomentar o debate acerca de uma educação pautada em valores humanos por meio de uma Literatura com temáticas regionais, buscando no estético um caminho para o sensível (LOUREIRO, 2000).

1. ENEIDA E SUAS “COMPANHEIRAS”: VIDA E OBRA QUE SE MISTURAM

O fenômeno literário memorialista abriu espaço, por ser menos sexista, à autoria feminina, sendo a crônica, uma forma narrativa promissora, ainda que considerada uma “literatura menor” pelo cânone. Todavia, as mulheres não perderam a oportunidade de publicar suas memórias com grandes referências ao ativismo político (SANTOS, 2008).

É neste contexto que está situada Eneida de Moraes (1903-1971), jornalista e escritora paraense que rompeu com os padrões instituídos ao papel feminino de sua época, participando efetivamente dos programas do partido comunista. Em razão dessa militância, sofreu inúmeras prisões e perdeu vários empregos, de modo que isto é fortemente expresso em seus textos literários, sobretudo, no que diz respeito a algumas das crônicas presentes no livro *Aruanda*, publicado em 1957, como “Companheiras”, que é o texto literário focalizado no presente artigo (SMITH JÚNIOR; MONTEIRO, 2014).

Carmo (2014) evidencia a maneira como a obra ora deixa revelar o longo e destacado histórico de engajamento político da escritora, no que tange à participação feminina nos mais diversos setores sociais, bem como a própria vaidade feminina e a intensa carga emotiva ao tematizar as reminiscências da sua infância e juventude em Belém do Pará. Halbwichs (2006, p.30) considera que mesmo nossas lembranças ditas individuais permanecem coletivas, ainda que se trate de acontecimentos que só nós vivenciamos, uma vez que “[...] em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem”. Neste sentido, considera-se que os acontecimentos narrados na crônica em questão

2 A catarse aqui é entendida a partir da ideia de algo que proporciona limpeza ou purificação espiritual.

são oriundos das lembranças de Eneida em sua vivência como presa política no período da Ditadura Militar, bem como as das pessoas que conviveram ao seu lado nesse determinado recorte temporal, em uma explicitação significativa do que é a memória coletiva.

Sob este prisma, acredita-se que as principais experiências vividas no referido período são narradas de uma forma carregada de sensibilidade, que mostra o olhar que a autora teve diante de sua condição e das demais pessoas que ali estavam. Isto é fortemente expresso logo nas primeiras notas da crônica: “[...] éramos vinte e cinco mulheres presas políticas numa sala de Casa Detenção, Pavilhão dos Primários, 1935, 1936, 1937, 1938. Quem já esqueceu o sombrio facismo do Estado Novo com seus crimes, perseguições, assassinatos, desaparecimentos, torturas?” (MORAES, 1989, p.131). Logo, compreende-se que o clima instaurado pela Ditadura foi constituído pela barbárie, sendo uma experiência degradante e mortificante para todos aqueles que sofreram suas mais graves consequências.

A autora retrata fielmente no texto literário em questão a vivência social que se estruturou nos moldes do cárcere, chamando atenção para detalhes que comumente podem ser considerados insignificantes, como a forma que um móvel era colocado em determinado lugar ou a configuração de determinado cômodo. É interessante notar como o espaço da prisão era extremamente diverso no que concerne aos tipos de pessoas que lá estavam. Existiam mulheres de todos os tipos, em uma ampla diversidade social, como se destaca na seguinte passagem:

De um lado e de outro da sala, enfileiradas, agarradas umas as outras, vinte e cinco camas. Quase presas ao teto alto, quatro janelas fechadas por umas tristes e negras grades. Encostadas à parede, uma grande mesa com dois bancos. Ao fundo da sala, os aparelhos sanitários. Por maior que fosse a nossa luta para mantê-los limpos e desinfetados, nunca conseguimos fugir do cheiro forte que exalavam. Vinte e cinco mulheres, vinte e cinco camas, vinte e cinco milhões de problemas. Havia louras, negras, mulatas, de cabelos escuros e claros; de roupas caras e trajas modestos. Datilógrafas, médicas, domésticas, advogadas, mulheres intelectuais e operárias. Algumas ficavam sempre, outras passavam dias ou meses, partiam, algumas vezes voltavam, outras nunca mais vinham (MORAES, 1989, p. 131-132).

Ressalta-se a forma como mesmo uma experiência aparentemente ruim proporcionou o nascimento de um sentimento essencialmente humano entre Eneida e suas companheiras. O estado de isolamento total do resto do mundo possibilitou uma atitude dotada de empatia em relação ao próximo e isso a autora deixa expressivamente claro em diversas passagens da crônica, dentre as quais se destaca:

[...] Os filhos de Rosa eram nosso filhos. Sabíamos as graças e as manhas com que embalavam aquela mulher forte, arrogante, atrevida sempre, mas tão doce tão enlevada pelos “meninos”. Quando Rosa falava nos “meninos” ficávamos todas em silêncio. Onde andariam eles? A polícia arrancara-os daquela mãe, negava-se a informar onde se encontravam, não admitia que Rosa soubesse notícias da família: o marido foragido, a irmã distante. E os “meninos”? No silêncio das noites, Rosa fazia com que assistíssemos aos nascimentos, aos primeiros passos, à primeira gracinha, ao primeiro sorriso, e depois o crescer rápido, a escola, os livros, idade avançada. Onde estariam eles? Problemas de uma, problemas de todas. O noivo de Beatriz era o nosso noivo. Queríamos saber suas notícias, coisas que nem a própria noiva conhecia. Problemas comuns,

destinos comuns. Os filhos de Antônia estavam em Natal, mas onde andaria o marido de Nininha, preso do Rio Grande do Norte? (MORAES, 1989, p. 133).

Nota-se que a solidariedade é elevada ao seu grau máximo, como se a autora estivesse nos dizendo que mesmo em situações extremamente difíceis ainda sim podemos mostrar nosso lado humano. Isso pode ser fortemente identificado quando, na passagem acima, é dito que o problema de uma era o problema de todas, podendo inferir-se que a dor de uma também era a dor de todas, em uma atitude que mostra a ênfase naquilo de mais primordial do Ser humano no seu sentido mais profundo. Destaca-se que mesmo havendo espaço para a exposição de sentimentos tão louváveis, por vezes o horror da condição propiciada pela Ditadura é retomado na narrativa. Tal experiência é caracterizada como desumana e extremamente difícil de ser vivenciada. Não existiam condições mínimas de dignidade humana. As pessoas tinham que conviver em condições totalmente insalubres, desdobrando-se para ter uma vivência minimamente aceitável, como o ilustrado a seguir:

[...] Tão pequeno o espaço que possuíamos para caminhar, e o ruído dos tamancos cortava-o, ferindo o lajedo; a saudade impressa nos olhos; as constantes evocações. Quando se falava em quitutes variados, quando alguém dizia como se preparava esse ou aquele prato, podia-se olhar os olhos: estavam todos famintos. Quando se contava passeios e se falava de mar, praia, montanhas ou planícies, podia-se ver nos olhos famintos uma ânsia de voltar à vida da cidade, da terra, do mundo (MORAES, 1989, p. 131).

[...] Como não tínhamos espaço para andar todas ao mesmo tempo, quando umas o faziam, outras eram obrigadas a ficar sentadas ou deitadas nas camas. Jogávamos paciência, algumas, e o calor era tanto que nem tentávamos falar. Qualquer gesto, qualquer palavra ou movimento iria aumentar o suor que escorria de nossos corpos cansados. Não podíamos perder a menor de nossas energias: deveríamos sobreviver (MORAES, 1989, p. 133).

Os trechos destacados denotam extrema e difícil situação enfrentada pelas detentas no seu período em cárcere. Coisas consideradas simples como se locomover com conforto eram complexas de serem realizadas. A qualidade de vida era mínima e o que as motivavam a continuar era a esperança de sobreviver e passar por dias melhores. É interessante ver que mesmo estando presas nunca se esqueciam das paisagens e maravilhas encontradas no mundo a fora. Mais uma vez mostram que podiam amenizar uma situação ruim evocando lembranças e pensamentos positivos.

Outro ponto em destaque na crônica em questão é o relato das torturas que os presos políticos sofriam, em uma tentativa do Estado de os “calar”. A autora as relata em um discurso dotado de horror pelo o que se presenciava. É constante também a ênfase dada à “luta feminina na militância por melhores condições, liberdade de expressão e direitos à cidadania, desmitificando o papel feminino como sujeito passivo e resignado ao patriarcado no curso da história, mas sim, mulheres que militaram lado a lado com os homens e sofreram as mesmas torturas e prisões correspondentes ao gênero masculino” (SANTOS, 2008, p. 74), como pode se observar na seguinte passagem:

A Polícia Especial a maltratara monstruosamente. Mostrou-nos os seios onde trazia impressas marcas de dedos. Colocavam-na no alto da escada, amarrada e nua para forçá-la declarar ou delatar, enquanto dois homens enormes lhe puxavam

o seio. [...] Jogavam-na de prisão em prisão. Ora era metida em celas de prostitutas, ora no meio de ladras ou ébrias. Durante mais de dois meses sofreu humilhações físicas e morais. (MORAES, 1989, p.136)

Vê-se, portanto, o retrato de uma época bastante adversa para aqueles que empreenderam a luta contra a repressão. A liberdade, nesse contexto, pode ser vista sobre múltiplas formas - de pensar, agir, existir. Ao relatar esse momento sob a ótica e experiência feminina Eneida nos presenteia com uma narrativa única, que denota a sua familiaridade com o drama narrado e vivido.

2. O SENSÍVEL E O INTELIGÍVEL A PARTIR DE COMPANHEIRAS

Conforme o ilustrado na seção anterior, *Companheiras* é um texto literário que suscita uma ampla reflexão acerca dos sentimentos intrínsecos à alma humana. Tal narrativa mostra-se extremamente necessária de ser trabalhada em sala de aula, uma vez que no contexto atual, o defeito não é o que é discutido em classe, mas o que é deixado de fora da configuração dos conteúdos. Sob esta ótica, o planejamento das atividades dar-se-ia de forma a enfatizar a relevância humana presente nos assuntos explanados em classe (WILLIANS, 2015).

É a partir das reflexões oriundas desta crônica que se pensa em uma educação do sensível, tendo em vista que tomar o sensível como fundamento de um processo educacional não tem a ver apenas com a formação da criança no que concerne aos níveis elementares da educação, com a formação da criança e do jovem exclusivamente, e tampouco se restringe à escola, podendo se estender ao longo da vida dos indivíduos e da sociedade como um todo. Salienta-se que o saber reside na totalidade do ser, na qual a experiência estética se mostra muitíssimo relevante, uma vez que potencializa formas de produzir sentido ao mundo, integrando-se à vida numa educação ampla dos sentidos, na qual o conhecimento inteligível é apenas uma parte de um todo maior, que está articulado ao saber sensível (DUARTE JR, 2001).

Brandão (1981) destaca que a educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, sendo o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa. É a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisórios onde isto pode acontecer. Neste sentido, o docente representa importantíssimo papel, uma vez que é o responsável por articular as experiências socioculturais adquiridas fora do ambiente escolar com aquilo que é aprendido em seu interior.

Ressalta-se que a dimensão sentimental do ser humano deixou de ser um objeto visível da educação sob o império do intelectualismo e do pragmatismo. Esta foi vista como uma esfera social que dificulta o trabalho escolar e suas manifestações; encaradas como perigo foram reprimidas para tornar possível a ordem e o tipo de disciplina requeridas pelas maneiras de trabalhar que são estabelecidas pelos padrões de organização dominantes de ensino (SACRISTÁN, 2002). Neste contexto, a inserção do texto literário em questão na sala de aula é significativa, uma vez que abre espaço para a discussão de uma situação difícil e desumana vivenciada em um determinado momento histórico da sociedade paraense. Isto possibilita a reflexão acerca de valores humanos como a ética, empatia, tolerância e respeito ao próximo, tornando os discentes pessoas mais críticas e sensíveis à dor do próximo.

A educação pautada no sensível se identifica como um grande artifício para impedir a volta da barbárie (ADORNO, 1995), que sob este prima, é identificada aos horrores cometidos pela repressão do Estado Novo no período da Ditadura Militar. Neste sentido, promover a emancipação significa combater a barbárie, em uma educação dirigida à auto-reflexão crítica.

Sob este contexto, pautando-se em uma abordagem qualitativa, a metodologia mais plausível de ser utilizada seria a dialogicidade, que abriria espaço para todos trocarem ideias, buscando caminhos e refletindo sobre as temáticas presentes na

crônica e a complexidade que envolve esta, bem como a reflexão acerca da condição feminina e as desigualdades sociais.

Para tornar possível a educação por meio do elemento estético-literário seria preciso realizar uma experiência vivida. Isto ocorreria por intermédio de oficinas que focalizariam a leitura da crônica, proporcionando uma reflexão acerca das questões ilustradas no texto literário em questão, bem como a materialização de tal vivência em atividades como realização de poemas, saraus, rodas de conversas, entre outras possibilidades que se mostrassem viáveis, uma vez que uma educação que atrela experiência estética com uma manifestação sensível se faz

[...] através da dialogicidade entre o homem e a poesia, na qual não existe o outro isolado, mas um entrelaçamento da palavra poética com o ser humano. Viver o estado poético é mergulhar no mais profundo de nós mesmos e dimensionar a vida pelas constelações dos sentidos, clareando o horizonte do viver e levando aos outros seres sensações que afetam a existência dos que vivem envolvidos com o mundo do sentir poético. Essa viagem cosmológica das estrelas do estado poético não tem ponto de chegada, nem previsibilidade para o que possa acontecer. Tudo ocorre de repente, transportando o corpo por trilhas sensíveis, as quais impulsionam o viver para um mundo construído por infinitas possibilidades de novas existências. (FERREIRA, 2011, p. 2).

A educação como prática de transformação precisa encontrar, na unicidade do homem, uma nova forma de perceber as coisas que estão intrinsecamente entrelaçadas com o universo do sentir, pensar, agir e mover-se. Nesse sentido de unicidade entre o conhecimento e a sensibilidade, abrem-se espaços para a construção de um saber estético atrelado à materialidade corpórea. Nessa perspectiva, esta educação, que busca novos patamares no que concerne à transformação de uma dada realidade necessita ampliar o horizonte dos sujeitos nela inseridos para que estes sejam capazes de transformar a si mesmos e o mundo ao seu redor, para que todos sejam entrelaçados pela força do aprender, dialogado pelo mundo da experiência vivida (FREIRE, 2007).

O processo de registro e avaliação dar-se-ia por meio das produções resultantes das atividades oriundas das oficinas e através da observação no que diz respeito ao envolvimento dos estudantes e o modo como estes perceberiam a obra. É importante ressaltar que sempre é necessário considerar a estética da recepção, que corresponde à concretização das potencialidades de leitura que cada criação artística carrega consigo; não quer dizer que sejam sempre iguais, uma vez que olhar do leitor é importantíssimo na construção da mensagem estruturada a partir da leitura do texto literário (ZILBERMAN, 1999).

Logo, a discussão que articula a crônica Companheiras atrelada a uma educação pautada no sensível é relevante, uma vez que utiliza um elemento estético para discutir acerca de questões humanas importantíssimas que perpassam a história da sociedade paraense, de modo a aguçar no estudante um sentimento de empatia em relação ao seu próximo, bem como refletir a respeito das principais problemáticas humanas, articulando uma totalidade de saberes que estão integrados pelo cognitivo e pelo sensível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dotada de uma descrição realística repleta de sensibilidade, a crônica “Companheiras” de Eneida de Moraes suscita uma ampla reflexão acerca de ideais e valores humanos, que deveriam ser incluídos de maneira enfática nos pilares configuradores da grade curricular de qualquer escola.

A educação do sensível aqui defendida procura resgatar as experiências sensíveis inerentes a todo o ser humano, usando o texto literário como artifício propiciador para dar vazão a esses sentimentos. Nota-se que quando o aluno compreende e equilibra com perfeição o lado cognitivo e o sensível há uma grande evolução no seu modo de pensar e agir sobre o mundo.

Neste sentido, a Literatura atua como suporte relevante, uma vez que o objeto estético-literário traz um retrato do que foi vivenciado em diversos momentos da história da humanidade, fazendo com que os alunos se vejam em determinados contextos, os questionem e reflitam sobre eles.

O que se almeja, portanto, é uma forma de transformar a educação em algo mais agradável ao alunado; uma maneira de fazê-los compreender que os conhecimentos adquiridos devem transcender o espaço escolar e todo espaço de convívio social é um lugar com potencial para formação de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodoro W. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Educação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

CARMO, Lilian Lobato do. *Vidas Singulares. Estranhos Poemas: Um Estudo sobre a Infâmia em Eneida e Lygia Fagundes Telles*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

DUARTE JR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar, 2001.

FERREIRA, Gilmar Leite. *A poesia educa*. Revista Contemporânea de Educação. n. 12, p.161-172. ago/dez, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

JÚNIOR, Francisco Pereira Smith ; MONTEIRO, Maria Geranilde Mendes. *Memória e mulher: Um estudo da crônica "Companheiras" de Eneida de Moraes*. A Palavrada. Bragança, n. 05, p. 69-79, 2014.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. In: Obras Reunidas v. 4. São Paulo: Escrituras, 2000.

MORAES, Eneida. *Aruanda*. Secult: Belém, 1989.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *Educar e Conviver na Cultura Global: as exigências da cidadania*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 99-144.

SANTOS, Eunice Ferreira dos. *Nas tramas da memória: a cronista e militante Eneida de Moraes*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília, n. 32, p. 69-76, 2008.

ZILBERMAN, Regina. *A Estética da Recepção e o Acolhimento Brasileiro*. Moara. VOL. 14 | N.1 | JUN. 2017
Belém, n.12, p 7-11, 1999. ISSN 1415-7950